

A persistência do real: as condições do realismo no romance da periferia do capitalismo

Fábio Salem Daie¹

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de analisar algumas concepções teóricas sobre o *realismo* na literatura, principalmente aquelas relacionadas ao contraste Europa-Estados Unidos e territórios periféricos, como a América Latina. Há, portanto, um esforço por iniciar um diálogo com o crítico norte-americano Fredric Jameson e seus comentários sobre o comportamento cultural. Este artigo aborda sua filosofia da história da arte que afirma a sequência realismo-modernismo-pós-modernismo para propor a seguinte questão: quando se trata do romance, seu desenvolvimento no centro do capitalismo pode ser reproduzido em trabalhos latino-americanos ao longo do mesmo período? Na tentativa de responder a essa pergunta, investigamos os “determinantes sociais do pensamento” que poderiam nos guiar até uma perspectiva satisfatória.

Palavras-chaves: Romances latino-americanos; realismo; dialética; Fredric Jameson

Abstract: The present article aims to analyze some theoretical conceptions about *realism* in literature, mainly those related to the contrast between Europe-USA and peripheral territories, such as Latin America. There is, therefore, an effort to initiate a dialogue with the American marxist critic Fredric Jameson and his commentaries on cultural behavior. This article exposes his philosophy of art history that states the sequence realism-modernism-postmodernism to

¹ Doutorando no Programa Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa (USP), atualmente realiza pesquisa sobre o conceito de “Formação” e seu desenvolvimento artístico em América Latina e África portuguesa.

propose the following question: when it comes to the novel, it's development in the center of capitalism can be repeated by Latin American works during the same period? In order to answer that question, we investigate the "social determinants of thought" that could lead us to a satisfactory perspective.

Key-words: Latin American novels; realism; dialectics; Fredric Jameson

Segundo o título, nosso esforço aqui é unicamente no sentido de abordar algumas condições econômicas e culturais para tentar compreender a persistência de certo tipo de realismo, que se expressa na literatura romanesca produzida na periferia do capitalismo ao longo do que se chama modernidade e pós-modernidade. Não desejamos, portanto, tratar de outras formas artísticas, que sem dúvida traçaram caminhos distintos daquele do romance periférico. De saída, suspeitamos que considerações acerca da prevalência do aspecto espacial sobre o temporal na pós-modernidade² conduzem a esta pergunta: não seria a conexão pós-moderna com as artes plásticas e a arquitetura (artes espaciais por excelência) diversa daquela travada com a literatura (arte temporal por excelência)? Se a suspeita aponta para uma qualidade diferente de relação que modernidade e pós-modernidade travam com cada arte específica, limitaremos nossa atenção à especificidade do romance.

Dentro do escopo escolhido, é necessário ressaltar que outras discussões deverão igualmente ficar de lado, a fim de que possamos avançar um pouco na investigação sobre o realismo latino-americano. Problemas como a periodização e as denominações de estilos e escolas³ deverão ceder lugar a uma discussão que

² JAMESON, Frederic. Pós-Modernismo – A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. São Paulo: Editora Ática, 1996.

³ Vale lembrar que tais denominações são pródigas no que tange o romance produzido em América Latina e África portuguesa: literatura fantástica, realismo mágico, realismo maravilhoso, boom, pós-boom, nova literatura latino-americana, novíssima literatura latino-americana etc.

consideramos precedente: a inflexão entre a teoria produzida a partir do centro do capitalismo e sua possível extensão às realidades da periferia mundial. Vale ressaltar que, pela amplitude de seu trabalho, nosso diálogo se dá principalmente com a obra de Fredric Jameson que, de resto, observou que

A teoria marxista da cultura tem quase que exclusivamente girado em torno da questão do realismo, na medida em que esta é ligada a uma cultura burguesa de classe e (...) suas análises do modernismo assumem uma forma negativa e crítica: como e por que este se desvia do caminho do realismo? (É verdade que nas mãos de Lukács, esse tipo de tratamento pode produzir resultados iluminadores e, por vezes, significativos) (JAMESON, 2002, p. 154).

A menção que Jameson faz ao filósofo húngaro György Lukács será, assim, nosso ponto de partida para tentar discutir alguns aspectos da própria concepção jamesoniana relativa à tríade realismo, modernidade e pós-modernidade. Ao resgatarmos o pensamento estético de Lukács, a primeira observação a ser feita é esta: o conceito de *realismo* lukácsiano não significa o mesmo que a escola realista de meados do século dezenove. É dizer: de acordo com o crítico húngaro, Homero, Dante e Shakespeare são tão grandes *realistas* quanto Balzac, Dickens e Tolstói. Apesar do peso dessa observação, não foram poucos os intelectuais que tomaram o conceito lukácsiano pela escola realista, conduzindo a mal-entendidos que permanecem até hoje⁴.

⁴ Além do famoso debate acerca do realismo em que se envolveram Lukács, Adorno, Brecht, Bloch e Eisler, ver a respeito do tema: TERTULIAN, Nicolas. Lukács/Adorno: a reconciliação impossível. In: Revista Verinotio – Revista on-line de educação e ciências humanas, n. 11, 2010. O artigo está no link: <http://www.verinotio.org/conteudo/0.49958592234141.pdf>. Último acesso: 04.07.2014. Para uma utilização do conceito lukácsiano de *realismo* para autores modernistas, ver: COUTINHO, Carlos Nelson. Lukács, Proust e Kafka – Literatura e sociedade no século XX. São Paulo: Editora Record, 2005.

Quando Jameson afirma que a teoria marxista da cultura tem girado em torno da questão do realismo, fica claro que não se trata do realismo como escola artística presente nos manuais de história da literatura, senão, mais bem, do realismo no que este implica de perspectiva de mundo. É somente neste nível que o debate sobre o realismo ganha fôlego e se justifica. E, no que concerne à perspectiva de mundo, a questão fundamental de sua cognoscibilidade. A reafirmação ou não dessa cognoscibilidade é um dos pontos centrais que opôs dois dos principais teóricos da Estética no século vinte: Lukács e Adorno. Discutir se o mundo é ainda cognoscível ou não – debate ausente em tantos teóricos da arte – não é mais da ordem da cultura, mas da ordem dos condicionantes culturais.

Em seu “Marxismo e pós-modernismo”⁵, Jameson adentra este debate. Além da defesa do conceito de totalidade, tão caro à tradição hegeliana e marxista, Jameson propõe que o surgimento de conceitos totalizantes (o exemplo que utiliza é o de “modo de produção”) parecem preceder e acompanhar “momentos historicamente privilegiados” (no caso, a Revolução Francesa). O que nos interessa aqui é que ele leva o debate para os “determinantes sociais que permitem ou impedem o pensamento” (p. 74). Não é sobre outro âmbito que desejamos discutir a permanência de certo realismo nos romances da periferia do capitalismo.

Os determinantes sociais do pensamento

Tal é a importância do ancoramento do pensamento filosófico em terreno firme, que o crítico norte-americano, coerente à tradição marxista, diversas vezes chamou a atenção para a importância da obra de Ernst Mandel, *O Capitalismo Tardio*, para seu próprio trabalho a respeito da pós-modernidade. Ao citar a periodização que

⁵ JAMESON, Fredric. *A Virada Cultural – Reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.

Mandel faz do desenvolvimento do sistema capitalista, Jameson comenta:

Essa periodização embasa a tese central do livro de Mandel, *O Capitalismo Tardio*; a saber, que houve três momentos fundamentais no capitalismo, cada um marcando uma expansão dialética com relação ao estágio anterior. O capitalismo de mercado, o estágio do monopólio ou do imperialismo, e o nosso (...) mais bem designado o do capital multinacional. (...) Fica claro que minha própria periodização cultural dos estágios do realismo, modernismo e pós-modernismo é inspirada e confirmada pelo esquema tripartite de Mandel (JAMESON, 1996, pp. 61-62).

A partir do esquema tripartite de Mandel, vale notar, no entanto, que Jameson realiza uma apropriação de sua periodização, alargando alguns estágios. De maneira geral, pese a importância do modernismo, é como se Jameson considerasse o capitalismo monopolista ou imperialista como um período de transição, no qual a dimensão humana da atividade econômica aos poucos se complexifica e se autonomiza.

Mais de uma vez, ele dá atenção especial a esta passagem específica: a transição do primeiro momento (capitalismo de mercado) para o último (capitalismo multinacional ou financeiro), sem mencionar o período intermediário do capitalismo monopolista ou imperialista. Dois exemplos deste procedimento estão: 1. No ensaio “‘Fim da Arte’ ou ‘Fim da História’”, nota 2, onde menciona como Hegel pensa a modernidade e por fim, completa:

Finalmente, se pensarmos em termos econômicos, este é o momento no qual o comércio, compreendido como a quintessência de um tipo de atividade profundamente humana, é superado na direção de um sistema – o capitalismo – no qual o dinheiro tem sua própria lógica, de modo que os ciclos da economia ultrapassam de longe em sua incompreensibilidade os significados simples da boa ou má-sorte que direcionam o destino humano para a ventura ou desventura, diferentes do sofrimento dos choques sismográficos causados por processos sistêmicos que já não podem ser

entendidos ou mesmo representados em categorias humanas (2002, p. 79).

2. No ensaio “Cultura e Capital Financeiro”, quando faz referência ao esquema também tripartite de Giovanni Arrighi, em *O Longo Século XX*, para pensar as transformações do capitalismo mundial:

Mas antes de continuar essa narrativa dialética, é preciso voltar mais uma vez a Arrighi. Já nos referimos a como Arrighi transforma a famosa fórmula de Marx, DMD’, em uma narrativa histórica e flexível. Marx começou, sabemos, com uma inversão de outra fórmula, MDM, que caracteriza o comércio como tal. (...) O mercador vende M e com o (D)inheiro recebido compra outra M (...). Além disso, a centralidade da presença física das mercadorias, como já foi dito, determina uma certa atenção perceptiva, além das categorias filosóficas da substância, que só podem levar a uma estética mais realista. No entanto, é outra a fórmula que me interessa, pois a reversão desta, que agora se tornou DMD’, será o espaço dialético em que o comércio (ou, se preferirmos, o capital mercantil) se transforma em capital *tout court* (2002, pp. 161-162).

Se Jameson dá ênfase a esses dois períodos extremos (inicial e final), é porque provavelmente deseja contrastar suas lógicas dominantes de reprodução, centradas na troca comercial de mercadorias e na circulação financeira, respectivamente. Aqui, o capitalismo monopolista apareceria não apenas como estágio intermediário, mas também como possível ápice para ambas as atividades: a do comércio e a das finanças⁶. Mais importante para

⁶ Corroborar essa visão a *Introdução ao Fascismo*, de Leandro Konder. Ao tratar do mito da nação erigido pelos regimes fascistas, Konder observa como a modernidade representaria, de fato, o período de plena integração entre as indústrias e os bancos: “(...) Em sua evolução, o capitalismo havia ingressado em sua fase *imperialista*: nos países capitalistas mais adiantados, o capital bancário havia se fundido com o capital industrial, constituindo o *capital financeiro*; as condições criadas nesses países exigiram deles a exportação sistemática de capitais (...)”. [KONDER, 2009, p. 39]. A modernidade é, então, um tipo de *ápice*, em que “o Estado depende do apoio dos monopólios, os monopólios dependem do apoio do

nós, entretanto, é esta constatação: para Jameson, o capitalismo mercantil – como “atividade profundamente humana”, com suas “categorias filosóficas da substância” – pertence a um mundo compreensível (cognoscível, para voltarmos ao termo que utilizamos), fundador de uma estética realista; por sua vez, o capitalismo multinacional ou financeiro – cujos “ciclos da economia ultrapassam de longe em sua incompreensibilidade os significados simples da boa ou má-sorte” – pertence a um mundo que se tornou paulatinamente incognoscível, fundador, por sua vez, de uma estética modernista e pós-modernista⁷.

Tais constatações nos levam ao seguinte quadro, sem dúvida esquemático em demasia, mas proveitoso para o entendimento desse ponto:

1700 – 1850	1850 – 1960/70	1960/70 –
Capitalismo de mercado	Capitalismo monopolista	Capitalismo financeiro
<i>Cognoscibilidade</i>	<i>Cognoscibilidade imperfeita</i>	<i>Incognoscibilidade</i>
Estética realista	Estética modernista	Estética pós-modernista



Como dito, o esquema apresentado é meramente uma síntese do pensamento de Jameson sobre as transformações da arte, do realismo ao pós-modernismo. Porém, para a discussão que nos interessa – os determinantes sociais do pensamento –, fornece um resumo funcional das bases sócio-históricas que conduzem as categorias estéticas. É a partir dessas bases que gostaríamos de

Estado, mas não se processa uma fusão do Estado com os monopólios”. (p. 51)

⁷ Fredric Jameson enxerga, em “Pós-modernismo e Sociedade de Consumo”, que alguns traços apenas secundários na estética modernista emergem, no pós-modernismo, para o primeiro plano, e vice-versa. Isto é o que nos permite traçar aqui certa continuidade entre os dois momentos na teoria jamesoniana.

levar adiante, agora, nossa discussão sobre a arte produzida na periferia e o que chamamos, aqui, de persistência do realismo.

Outra lógica do capital

Em seu texto “O Ornitorrinco”, Francisco de Oliveira afirma que “por muito tempo, um ‘evolucionismo’ marxista esteve em larga voga, o que resultou numa raquítica teoria sobre a periferia capitalista” (2013, p. 126). Oliveira faz aqui uma crítica às noções “etapistas” do desenvolvimento social, o que chegou a acarretar “equivocos de estratégia política” entre os partidos de esquerda no Brasil e na América Latina, mormente aqueles próximos às concepções stalinistas. Se, por um lado, esta frase não se refere à obra de Fredric Jameson, por outro não deixa de chamar nossa atenção às possíveis deformações que marcam a transposição mecânica, para o contexto periférico, de esquemas interpretativos construídos no centro. Não se trata, portanto, claro está, apenas de uma questão de periodização.

Gostaríamos de argumentar que a passagem do capitalismo mercantil para o capitalismo multinacional, em Jameson, necessita ser pensada a partir de especificidades do “subdesenvolvimento”, conceito, por si, problemático a partir de 1970. Pese a ambição jamesoniana de universalizar o funcionamento cultural do capitalismo na pós-modernidade⁸, consideramos que há questões que merecem um desenvolvimento mais alongado quando o que se deseja é (como faz Jameson) traçar conexões entre o modo de funcionamento do capital e suas respectivas categorias estéticas. Mais propriamente, consideramos, com Roberto Schwarz, que “a universalidade das categorias dos países que nos servem de modelo não convence e a sua aplicação direta aos nossos é um equívoco” (2012, p. 49).

⁸ Em “Marxismo e Pós-modernismo”, Jameson recorda que seu conceito de “pós-modernidade” não tem valor operativo cultural, antes se tratando de um conceito de “modo de produção”.

Evitar um “evolucionismo” rasteiro significa, entre outras coisas, compreender que o desenvolvimento de América Latina e África não passará, no futuro, pela reprodução do capital nos mesmos moldes em que esta se realiza na Europa e nos Estados Unidos, atualmente. O que parte da melhor tradição dialética latino-americana⁹ ensina diz respeito ao equívoco de marcar o destino da periferia com as feições do centro. Dito isso, a razão central para repensar o significado da passagem do capitalismo mercantil para o capitalismo multinacional tal como descrita nos países centrais por Fredric Jameson é esta: na periferia, os processos modernos acabam muitas vezes por reforçar o que nela existe de mais atrasado, arcaico, *fazendo desse mesmo arcaísmo um dos traços definidores de sua modernidade*.



No plano teórico, o conceito de subdesenvolvimento como uma formação histórico-econômica singular, constituída polarmente em torno da oposição formal de um setor ‘atrasado’ e um setor ‘moderno’, não se sustenta como singularidade: esse tipo de dualidade é encontrável não apenas em quase todos os sistemas, como em quase todos os períodos. Por outro lado, a oposição na maioria dos casos é tão-somente formal: de fato, o processo real mostra uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários, em que o chamado ‘moderno’ cresce e se alimenta da existência do ‘atrasado’, se se quer manter a terminologia (OLIVEIRA, 2013, p. 32).

No campo da cultura, não é outro o emprego feito da dialética em “As ideias fora de lugar”, famoso ensaio de abertura do livro *Ao Vencedor as Batatas*, de Roberto Schwarz, para a produção romanesca alencarina e machadiana no fim do século dezenove. O paradigma que conduz a periferia atrasada a travar conexões com o centro moderno *justamente por meio de seus aspectos mais*

⁹ Entre as referências, obras como *Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil* (1964), de Fernando Henrique Cardoso; *Transculturación narrativa en América Latina* (1982), de Angel Rama; *Ao Vencedor As Batatas* (1977), de Roberto Schwarz; e a própria *Crítica à Razão Dualista* (1972), de Francisco de Oliveira.

arcaicos perpassa toda a obra do crítico literário. O jogo das trocas de sinais entre moderno e arcaico (ora contra a maré das forças mundiais, ora a favor) no processo de modernização periférica do Brasil e da América Latina é um dos pontos centrais no esforço intelectual de Schwarz por compreender como a história universal se efetiva no particular. Ao destacar que tal conjunção – a “coexistência do antigo com o novo” (2008, p. 91) – é parte, de modo geral, de todas as sociedades (capitalistas ou não), o crítico nos lembra que sua especificidade no âmbito da dependência e do subdesenvolvimento, ligada à fundação desses países em função de Estados industrializados e relativamente mais integrados, transforma a conjunção arcaico e moderno em algo central e emblemático. “Na composição insolúvel mas funcional dos dois termos, portanto, está figurado um destino nacional, que dura desde os inícios” (SCHWARZ, 2008, p. 91).

Portanto, se por um lado (como parte do sistema mundial), também nos vemos afetados por “ciclos da economia [que] ultrapassam de longe em sua incompreensibilidade os significados simples da boa ou má-sorte que direcionam o destino humano para a ventura ou a desventura” (Jameson); por outro lado, temos patente, nesta mesma roda da fortuna, nossa sorte já “anunciada” (o destino nacional já “figurado”, e que “dura desde os inícios”), de maneira que, ao longo dos anos, volta a reafirmar-se sobre os territórios periféricos a mesma lógica do arcaísmo como traço fundamentalmente moderno, embora nos seja concedido vê-lo, a cada vez, sob feições atualizadas: do escravismo ao agro-negócio; do colonialismo armado ao imperialismo econômico; do fornecimento de café e açúcar ao fornecimento de soja e petróleo etc.

Como uma traquitana simultaneamente independente e viciada – o que Paulo Eduardo Arantes chamou, em outro texto, de “essa coleção de ruínas recorrentes” (1997, p. 106) –, a roda da fortuna gira para nós, portanto, sob duplo marco: o *primeiro*, ressaltado por Jameson, toca o incompreensível [o incognoscível]

dos processos mundiais com seus ciclos econômicos avessos à inquirição e à dedução, com ênfase no período de inflexão neoliberal a partir de 1980 (EUA e Inglaterra) e 1990 (América Latina, com exceção do caso chileno); o *segundo*, ressaltado pelos dialéticos de certa tradição crítica local (Oliveira, Schwarz), toca a reafirmação ininterrupta e “anunciada” de nossa condição periférica, que sela o destino dos países como o espírito feudal selava a sorte das gentes, em contradição, portanto, com o próprio espírito da modernidade.

O que há de profundo realismo e que parece resistir entre os maiores romancistas latino-americanos (Alejo Carpentier, João Guimarães Rosa, Mario Vargas Llosa, José María Arguedas, Gabriel García Márquez) prende-se, portanto, a uma lógica histórica particular. Essa dialética própria à periferia não somente nos obriga a repensar a produção teórica jamesoniana, senão coloca em xeque, igualmente, algumas das formulações básicas da teoria pós-moderna.

Mas o capitalismo tem, só por si, um tal poder de desrealizar os objetos habituais, os papéis da vida social e das instituições, que as representações ditas ‘realistas’ já só podem evocar a realidade sob a forma da nostalgia ou da paródia (...). O classicismo parece estar proibido num mundo em que a realidade está tão desestabilizada que já não constitui matéria para experiência (...) (LYOTARD, 1993, pp. 16-17).

Ora, está claro que, na periferia do capitalismo, a *nostalgia* não pode desfrutar do mesmo estatuto sob a reposição dialética incessante do arcaico pelo moderno. *In extremis*, se quisermos mencionar o “quarto-mundo” – para usar a terminologia de Manuel Castells para a África –, lembremos a introdução do professor da Unicamp e antropólogo Omar Ribeiro Thomaz ao livro *Moçambique: Identidade, Colonialismo e Libertação* (resultado da tese de doutorado), de José Luís Cabaço: “Como para qualquer moçambicano, recordar não constitui um exercício de nostalgia: quando José Luís se lembra, e faz eco à canção e à exigência de

Samora¹⁰ *Não vamos esquecer!*, ele nos fala dos conflitos presentes do seu país.” (THOMAZ, 2009, p. 16). Mesmo quando essa *nostalgia* é admitida como componente da literatura latino-americana no século vinte, críticos como Beatriz Sarlo ressaltam a continuidade do passado na periferia, em muito destoante da ruptura na Europa:

Ao mesmo tempo, o passado [na Argentina] subsiste em termos nostálgicos ou críticos. Na Europa, os processos da modernidade se caracterizam por uma posição de relativa independência em relação ao passado. Carl Schorske a descreve como uma ‘indiferença crescente’, porque o passado já não é visto em continuidade funcional com o presente (...) (SARLO, 1995, p. 47) [tradução do autor].¹¹

Fazendo coro a essas considerações, tampouco o termo “desestabilizado”, cunhado por Lyotard, pode significar o mesmo: a experiência histórica primordial da periferia contempla a desestabilização da economia nacional por agentes externos e internos a fim de (ironia) garantir sua estabilização como setor conjugado ao centro, como “plataforma de expansão comercial [europeia], mais exatamente um circuito auxiliar de valorização patrimonial do capital financeiro mundial” (ARANTES, 1997, p.106).

Tal ambivalência está presente, historicamente, no próprio processo de industrialização nacional da América Latina. A grande composição de capital estrangeiro nas economias nacionais fornecia (até, pelo menos, o fim da década de 1970) essa ambivalência como fator estabilizador e desestabilizador: “cada unidade de produção

¹⁰ Samora Moisés Machel (1933-1986) foi, juntamente com Eduardo Mondlane, o principal líder da FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique – durante os anos da guerra de libertação de seu país, de 1964 a 1975. Após a independência, tornou-se o primeiro presidente de Moçambique. Sua morte, provocada pela queda do avião no qual viajava, até hoje é cercada de controvérsias.

¹¹ “Al mismo tiempo, el pasado subsiste en términos nostálgicos o críticos. En Europa, los procesos de la modernidad se caracterizan por una posición de relativa independencia respecto del pasado. Carl Schorske la describe como una ‘indiferencia creciente’, porque el pasado ya no es visto en continuidad funcional con el presente (...)”.

surgida nesse processo possui uma *dupla inserção*: no conjunto nacional em que se localiza e no conjunto econômico, cuja cabeça é a matriz situada no estrangeiro” (FURTADO, 1978, p. 225). Assim, se o grande capital financeiro encontrava, por quase todo o século vinte, escoamento para seus investimentos no processo de industrialização retardatária na periferia (atenuando, assim, a especulação instável e improdutiva), por outro lado atava aquelas economias nacionais a seus misteres, tirando parte da autonomia de seus agentes internos. Conte o depoimento do escritor moçambicano Mia Couto, um dos mais reconhecidos autores contemporâneos em língua portuguesa:

Não se pode esperar que um país saído do atraso da dominação colonial possa realizar aquilo que velhas nações independentes estão ainda construindo. Moçambique está aprendendo a ser soberano num mundo que aceita muito pouco a soberania dos outros. O céu que parecia infinito [quando da independência do país, em 1975] foi ficando estreito para as chamadas pequenas bandeiras. (...) O caminho que percorremos não foi exactamente escolhido por nós, nem está sendo testado à medida da nossa vontade. O nosso êxito não pode continuar a ser medido apenas pelo sucesso da aplicação de um directório de receitas políticas e financeiras. Hoje sabemos: a independência não é mais do que a possibilidade de escolhermos as nossas dependências (COUTO, 2005, pp. 192-194).



Pelas mesmas razões, torna-se mais difícil afirmar nessas margens do mundo que o realismo, como estética atual, fica incumbida pelo academicismo e pelo capitalismo de “preservar as consciências da dúvida e (...) estabilizar o referente” (LYOTARD, 1993, p. 17). No que diz respeito à produção romanesca periférica, o realismo jamais pôde deixar de encarar a realidade (sequer a mais imediata, mas também a mediata) a partir da dúvida. Sob as exigências da dialética, esta dúvida não é mais do que a face complementar àquela da reposição do arcaico: seu momento instável, porque penhorado às forças externas. Ou seja, *o referente*

periférico é, assim, simultaneamente estável e instável. Estável em seu momento de reposição do arcaico pelo moderno (por exemplo, na sua manutenção, desde a colônia, como exportador de produtos primários; na perpetuação da violência de Estado como setor estratégico de manutenção da ordem social; no recrudescimento de políticas públicas pautadas pelo mandamento religioso ou pelo preconceito obscurantista, que progride na sobrevivência acabrunhante do trabalho escravo etc.). Por sua vez, é instável em seu momento de modernização arcaizante (que penhora sua autonomia a interesses de grupos estrangeiros; que prevê especialização na produção de *commodities* fortemente sujeitos ao cenário internacional; que simplesmente produz *para fora*, com vistas ao cumprimento de superávits primários – exigência dos credores – e não com vistas a suprir a demanda interna). Não por outro motivo, julgamos, as modalidades literárias expressas pelos termos “realismo mágico” ou “realismo maravilhoso” implicam uma crítica profunda à impossibilidade de separação, na América Latina, do cognoscível e do incognoscível.

Sem desejar entrar neste âmbito ficcional (porque nossa intenção aqui era tão somente discutir os “determinantes sociais do pensamento”), fica a sugestão de que um dos temas recorrentes em toda obra de Jorge Luís Borges (a saber: *o outro como si mesmo*) se relaciona a este duplo caráter da roda da fortuna na periferia do capitalismo. As últimas linhas do famoso conto do escritor argentino, “Biografia de Tadeo Isidoro Cruz (1829-74)”, serviriam, quem sabe, como epígrafe a esta história particular do subdesenvolvimento: “Compreendeu que as divisas e o uniforme o estorvavam. Compreendeu seu íntimo destino de lobo, não de cão gregário; compreendeu que o outro era ele.”

Referências bibliográficas

ANDERSON, Perry. **As Origens da Pós-modernidade**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

ARANTES, Paulo Eduardo; ARANTES, Otilia. O Sentido da Formação Hoje. **Revista Praga – Estudos marxistas**. São Paulo: Editora Hucitec, nº 4, 1997.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX – Dinheiro, poder e as origens do nosso tempo**. 1ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

BORGES, Jorge Luís. **O Aleph**. 1ª edição. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

COUTO, Mia. Moçambique – 30 anos de independência: no passado, o futuro era melhor?. Benjamin Abdala Jr. (org.). In **Revista Atlântica**. São Paulo: Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, nº 8, 2005.

FURTADO, Celso. **A Economia Latino-americana**. 2ª edição. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio**. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1996.

_____. **A Cultura do Dinheiro – Ensaio sobre a globalização**. 1ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

_____. **A Virada Cultural – Reflexões sobre o pós-moderno**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-moderno explicado às crianças – Correspondência 1982-1985**. 2ª edição. Lisboa: publicações Dom Quixote, 1993.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à Razão Dualista / O Ornitorrinco**. 1ª edição. São Paulo, Boitempo, 2013.

SARLO, Beatriz. Borges, **Un Escritor en Las Orillas**. 1ª edição. Buenos Aires: Editora Espasa/Ariel, 1995.

SCHWARZ, Roberto. **Martinha versus Lucrecia – Ensaio e entrevistas**. 1ª edição. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.



_____. **O Pai de Família e outros estudos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

THOMAZ, Omar Ribeiro. Prefácio – Não vamos esquecer!. In: **Moçambique: Identidade, Colonialismo e Libertação**. 1ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

